

# **El megalitismo** en la península ibérica

**MEGALITISMO  
DO ALENTEJO OCIDENTAL E  
DO SUL DO BAIXO ALENTEJO  
(PORTUGAL)**

**Carlos Tavares da Silva**

Dos aspectos mais relevantes que ressaltam dos trabalhos arqueológicos sobre o Neolítico e o Calcolítico realizados nos últimos anos no Baixo Alentejo, importa salientar, por um lado, as primeiras tentativas de conhecer a evolução da arquitectura megalítica no litoral alentejano e no Sul do Baixo Alentejo e, por outro, a identificação e escavação de povoados relacionáveis com as manifestações megalíticas.

### **Evolução da arquitectura funerária**

A evolução da arquitectura megalítica funerária das duas áreas atrás referidas parece ter-se processado de forma independente e autónoma, segundo modelos distintos.

No litoral alentejano, mais propriamente na zona situada entre Melides e Santiago do Cacém,

a fase inicial (localizável nos primórdios do Neolítico médio – primeira metade do IV milénio) está representada pela sepultura protomegalítica do Marco Branco <sup>1</sup> e é caracterizada por sepultura de câmara fechada e sem corredor, de pequenas dimensões, integrada em estrutura tumular simples (cintura de pedras encostadas aos lados da câmara); inumação individual ou (em um segundo momento) número reduzido de enterramentos; escasso espólio arqueológico (depositado no interior da sepultura e no *tumulus*); presença do geométrico trapezoidal; ausência da ponta de seta e da placa de xisto gravada; raras contas discoides.

---

<sup>1</sup> TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J.: Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo Litoral: a sepultura do Marco Branco (Santiago de Cacém). *O Arqueólogo Português*, Série IV, 1, 1983, pp. 63-88.

Na fase II ou média, ou precisando melhor, em um momento avançado desta fase bem representado no dolmen da Palhota<sup>2</sup>, assiste-se ao aparecimento da sepultura de câmara de planta sub-rectangular e corredor estreito e bem diferenciado; estrutura tumular complexa (cintura de pedras encostadas aos esteios da câmara e duas coroas circulares concêntricas); enterramento colectivo com pequeno número de inumações; aumento do espólio funerário depositado no interior da sepultura e no *tumulus*; elevada frequência (absoluta e relativa) de geométricos, com especial incidência do geométrico de *encoche* na base menor; ponta de seta (rara) de base pedunculada; ausência de ponta de seta de base côncava ou recta; placa de xisto lisa (ausência de placa de xisto gravada); raras contas discoides de xisto; taça em calote e taça de carena média.

A fase III ou de apogeu do megalitismo (finais do Neolítico e/ou inícios do Calcolítico –primeira metade do III milénio) tem no dolmen da Pedra Branca<sup>3</sup> a sua melhor expressão. Trata-se de sepultura de câmara poligonal e corredor bem diferenciado com septos parciais, envolvida por estrutura tumular (não escavada). Verifica-se considerável aumento do número de inumações (65 indivíduos, no mínimo) e do espólio depositado no interior da sepultura. Elevado número de pontas de seta, exclusivamente de base côncava ou recta. Decréscimo relativo dos geométricos. Abundantes lâminas retocadas. Contas discoides de xisto muito abundantes (1147 exs.). Placas de xisto gravadas em número elevado. Idolofalange. Taças em calote, taças de carena baixa e média, vasos subcilíndricos de fundo aplanado; presença do prato de bordo espessado.

No Sul do Baixo Alentejo – onde a fase inicial não foi ainda objecto de escavações mas que pensamos caracterizar-se por pequenas sepulturas fechadas e cistoides – foi detectada a fase média, plenamente neolítica (fase II), com sepultura colectiva de planta rectangular, aberta mas sem corredor (dolmen 1 de Fernão Vaz<sup>4</sup>) que parece evoluir para sepulturas piriformes, de câmara alongada e ovalada, com corredor curto e mal diferenciado (anta 2 de Fernão Vaz<sup>5</sup>), localizáveis na transição do Neolítico para o Calcolítico (fase III).

Na fase final do megalitismo do Baixo Alentejo, plenamente calcolítica (fase IV), enquanto, por um lado, dolmens da fase anterior continuam a

ser utilizados, por outro, são construídas sepulturas de falsa cúpula, de câmara circular e corredor bem diferenciado e rectilíneo, com ortostatos baixos e estreitos e que, embora tenham tido uma origem alógene, fornecem, como adiante veremos, espólio que está na tradição do das fases anteriores.

No que se refere ao espólio das fases referidas, para o Sul do Baixo Alentejo, há sobretudo a salientar que na fase II ou média (anta 1 de Fernão Vaz) abundam os geométricos em geral trapezoidais, por vezes com *encoche* no lado menor; estão ausentes as pontas de seta e as placas de xisto gravadas. Na fase III (anta 2 de Fernão Vaz, anta 2 do Monte Velho<sup>6</sup>, anta do Brejo<sup>7</sup>), a par dos geométricos que se mantêm, embora em percentagem mais reduzida do que na fase anterior, ocorrem as primeiras pontas de seta, de base côncava ou recta, bem como as placas de xisto gravadas; são comuns as lâminas retocadas; as formas cerâmicas diversificam-se, surgindo perfis carenados. As sepulturas de falsa cúpula (fase IV) fornecem, por um lado, espólio muito semelhante ao da fase anterior (cf. especialmente a *tholos* do Barranco da Nora Velha<sup>8</sup>), ainda com alguns trapézios, pontas de seta de base côncava, lâminas retocadas, enxós e machados de secção oval, e, por outro, principalmente no que concerne à cerâmica, materiais caracteristicamente calcolíticos: prato de bordo espessado, esféricos-achatados, vasos de colo, cerâmica simbólica (cf. *tholos* do Monte do Outeiro<sup>9</sup>).

<sup>2</sup> SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C.: O monumento megalítico da Palhota (Santiago de Cacém). *Setúbal Arqueológica*, II-III, Setúbal, 1976-77, pp. 109-150.

<sup>3</sup> VEIGA FERREIRA O da; ZBYSZEWSKI, G.; LEITAO, M.; NORTH, C. T. e H. R. de SOUSA: Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, LIX, Lisboa, 1975.

<sup>4</sup> TAVARES DA SILVA, C.: O megalitismo e os primeiros metalurgistas. *História de Portugal*, Ed. Alfa, vol. I, Lisboa, 1982, p. 84.

<sup>5</sup> M. BEIRAO, C. de; TAVARES DA SILVA, C.: O monumento megalítico II de Fernão Vaz (Ourique). *Setúbal Arqueológica*, IV, Setúbal, 1978, pp. 29-45.

<sup>6</sup> LEISNER, G. e V.: *Die Megalithgraber Der Iberischen Halbinsel, Der Westen*, Berlin, 1959, est. 43, 2.

<sup>7</sup> LEISNER, G. e V.: *Op. cit.*, nota 6, est. 43, 4.

<sup>8</sup> LEISNER, V.: *Die Megalithgraber Der Iberischen Halbinsel, Der Westen*, Berlin, 1965, est. 125.

<sup>9</sup> LEISNER, V.: *Op. cit.*, nota 8, est. 128.

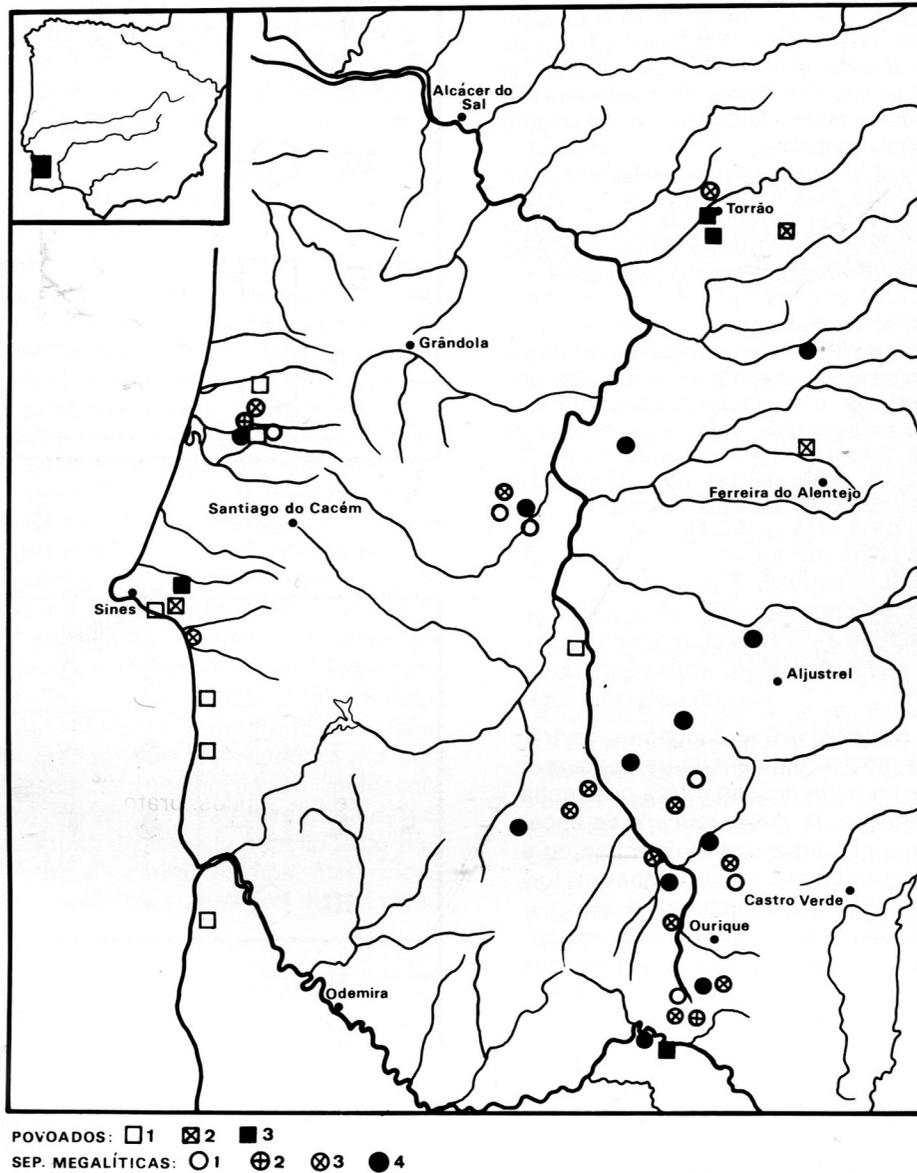


Fig. 1: Baixo Alentejo (zonas ocidental e Sul). Distribuição de povoados neolíticos e calcolíticos e de sepulturas megalíticas.

Povoados: 1-Neolítico antigo; 2-N. final/Calcolítico inicial; 3-Calcolítico pleno pré-campaniforme.

Sepulturas megalíticas: 1-fase inicial (câmara simples e fechada); 2-fase média (câmara subrectangular aberta e sem corredor ou câmara subrectangular e com corredor); 3-fase de apogeu (planta poligonal ou subcircular e corredor bem diferenciado ou câmara oblonga e corredor mal diferenciado); 4-fase final (sepultura de falsa cúpula - tholos).

Fig. 2: Esquema evolutivo da arquitectura megalítica das duas micro-regiões consideradas (A-Alentejo Litoral; B-Sul do Baixo Alentejo).

Zona A: fase I-câmara simples fechada de planta ovalada; fase II (momento final) -câmara de planta subrectangular e corredor; fase III -câmara poligonal a tender para subcircular e corredor bem diferenciado; fase IV-monumento de falsa cúpula (tholos).

Zona B: fase I-câmara simples fechada de planta rectangular; fase II-câmara simples, rectangular, aberta; fase III-câmara oblonga e corredor mal diferenciado (planta geral piriforme); fase IV-monumento de falsa cúpula (tholos).

Fig. 3: Distribuição de alguns dos principais tipos de espólio (1-geométrico; 2-ponta de seta pedunculada; 3-ponta de seta de base côncava/recta; 4-placa de xisto gravada) pelos diversos tipos de sepulturas megalíticas (cf. legenda da fig. 2), para as duas micro-regiões consideradas (A-Alentejo Litoral; B-Sul do Baixo Alentejo).

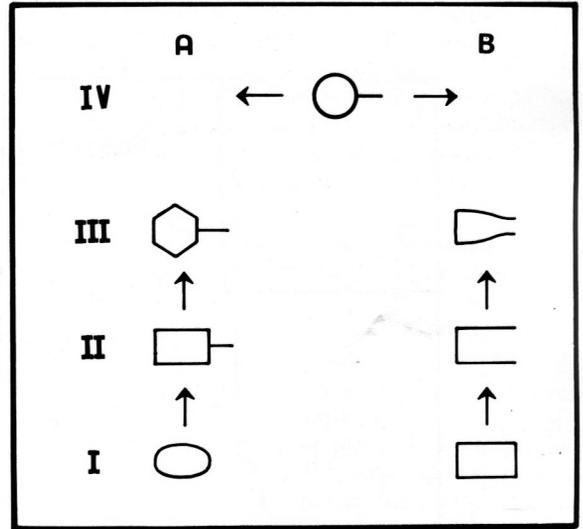


Fig. 2

Os esboços evolutivos que acabámos de traçar, longe de se mostrarem definitivos, requerem enorme esforço de investigação futura que tenha por base a realização de maior número de escavações, de forma não só a confirmarem-se ou a corrigirem-se tais esboços, como também a torná-los mais completos: conhecemos neste momento, através de reduzido número de monumentos estudados, somente alguns dos marcos da evolução da arquitectura megalítica das áreas referidas.

Tendo em vista o conhecimento integral da arquitectura megalítica, impõe-se prosseguir escavações que considerem o monumento na sua globalidade, isto é, constituído pela sepultura propriamente dita (câmara sepulcral e, eventualmente, corredor) e pela estrutura tumular envolvente. Só muito recentemente, com as escavações do Marco Branco e Palhota, no Alentejo Litoral, e Fernão Vaz I e II, no Sul do Baixo Alentejo, essa perspectiva foi aplicada<sup>10</sup>. Por exemplo, um monumento como o da Pedra Branca, que consideramos da fase de apogeu do megalitismo do Alentejo Litoral, possui estrutura tumular bem conservada mas inteiramente por escavar<sup>11</sup>.

		1	2	3	4
A	I	●	—	—	—
	II	●	●	—	—
	III	●	—	●	●
B	II	●	—	—	—
	III	●	—	●	●
	IV	●	—	●	●

● Frequência rel. baixa  
● Frequência rel. média  
● Frequência rel. alta

Fig. 3

<sup>10</sup> Cf. notas 1, 2 e 5.

<sup>11</sup> Cf. nota 3.

No programa de pesquisa a implementar sobre o megalitismo do Baixo Alentejo, e ainda no que se refere à evolução da arquitectura megalítica, tornar-se-à indispensável realizar análises radio-carbónicas que venham reforçar as propostas de periodização baseadas até agora exclusivamente em dados de carácter tipológico.

## Povoados

Nos últimos dez anos, o autor, de colaboração com Joaquina Soares, realizou escavações em extensão em povoados do Neolítico antigo do Alentejo Litoral (Vale Pincel I, Vale Vistoso, Salema, Montum de Baixo, Medo Tojeiro)<sup>12</sup> e do Vale do Sado (Gaspeia). Trata-se de *hábitats* de ar livre situados em zonas planas, abertas e arenosas, sem condições naturais de defesa, quer junto da falésia litoral (Vale Pincel I, Vale Vistoso, Medo Tojeiro), quer no interior, nas margens de cursos de água (Salema, Montum de Baixo, Gaspeia). Possuem quase sempre um único nível de ocupação correspondente a estadias de curta duração ou, como no caso do concheiro do Medo Tojeiro<sup>13</sup>, sequência de finos níveis de ocupação, provavelmente de carácter sazonal, alternando com níveis de abandono temporário. Revelam economia em grande parte depredadora por vezes especializada na recollecção de moluscos (Medo Tojeiro); em alguns destes *hábitats* estão patentes, sobretudo através do espólio lítico (lamelas com lustre de cereal, sachos, machados, enxós, elementos de mó), vestígios de actividades agrícolas.

O espólio lítico, dominado pela micro - utensilagem, parece estar na tradição do Mesolítico regional, mostrando-se essencialmente lamelar e oferecendo os tipos de geométricos mais comuns nas jazidas dos finais do Mesolítico escavadas na zona (Vale Marim e Samouqueira): trapézio de base menor retocada e crescente. A utensilagem de pedra polida é muito escassa e fruste, ocorrendo alguns machados, sachos e enxós, por vezes obtidos pelo polimento de uma das extremidades de calhaus rolados achatados; presentes, elementos de mós manuais.

A cerâmica, de formas ovais e esferoidais simples, apresenta decoração impressa (raramente cardial), plástica (cordões segmentados e mamilos) e incisa, aproximando-se da do grupo do Sul de Espanha e da região de Ourão.

As escavações, em extensão, revelaram numerosas estruturas de *hábitat*, em geral de combustão, que, à excepção dos «fornos» da Salema, pertencem a tipos igualmente correntes no Mesolítico.

De entre os povoados do Neolítico antigo até agora escavados, o da Salema, situado na margem esquerda da Ribeira da Cascalheira (concelho de Santiago do Cacém), junto de ótimos terrenos de cultivo, tem fornecido abundante cerâmica incisa (que predomina sobre a impressa), utensilagem lítica essencialmente sobre lascas, número relativamente mais elevado de elementos de mó e de instrumentos de pedra polida, em geral bem elaborados, estruturas de *hábitat* até agora exclusivas deste povoado («fornos» tronco-cónicos de paredes de barro cozido) e apreciável densidade e concentração de achados arqueológicos (enquanto nos restantes povoados do Neolítico antigo o povoamento se fez por núcleos dispersos pela vasta área ocupada, na Salema estamos perante um único e vasto núcleo). Parece pois que a Salema indica um momento evolucionado do Neolítico antigo, revelando maior domínio das práticas agrícolas e, aliás consequentemente, mais acentuada tendência para a sedentarização.

Situar-se-à o povoado da Salema na linha evolutiva que, graças a condições ecológicas favoráveis ao desenvolvimento da economia agro - pastoril, teria originado as primeiras formas do megalitismo? Teriam sido os últimos ocupantes da Salema os autores da construção da sepultura megalítica de Marco Branco, a que atrás nos referimos como pertencente à fase inicial do megalitismo da zona, e que se localiza somente a cerca de 400 metros da Salema? De notar que esta sepultura, além do espólio publicado<sup>14</sup> e entre o

<sup>12</sup> SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C.: Alguns aspectos do Neolítico antigo do Alentejo Litoral. *Actas da 1.ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*, Porto, 1979, pp. 9-50. TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J.: *Pré-história de Area de Sines*, Lisboa, 1981. TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J.: Des structures d'habitat du neolithique ancien au Portugal. *Actes du Colloque International de Prehistoire*, Montpellier, 1981, pp. 17-28. TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. e PANALVA, C.: Para o estudo das comunidades neolíticas do Alentejo Litoral: o concheiro do Medo Tojeiro. *Arqueologia*, 11, Porto, pp. 5-15.

<sup>13</sup> TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. e PENALVA, C.: *Op. cit.*, nota 12.

<sup>14</sup> TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J.: *Op. cit.*, nota 1.

qual figuram algumas peças líticas filiáveis no Neolítico antigo, forneceu um fragmento de cerâmica (até agora inédito por integrar amostra de sedimento analisado após a saída daquela publicação) pertencente a recipiente de forma esférica com ténue e largo sulco situado logo abaixo do bordo que é ligeiramente saliente, forma e decoração estas muito comuns no povoado da Salema onde representam talvez a componente mais evolucionada do repertório da cerâmica decorada.

A Salema pode, com efeito, situar-se na charneira das pequenas comunidades do Neolítico antigo pleno, detentoras de grande autonomia mas ao mesmo tempo muito abertas, porque de grande mobiliade, e de economia essencialmente depredadora, para as de economia de unidade familiar<sup>15</sup> assente na agricultura itinerante e na pastorícia e onde, desenvolvendo-se conceitos de territorialidade e de parentesco com o recurso à veneração de antepassados referenciais da coesão intra e inter-grupos, irrompe o fenómeno megalítico.

Un apreciável hiatus cronológico separa os povoados a que acabámos de nos referir dos que, com mais probalidades, são correlacionáveis com o megalitismo do Baixo Alentejo. Com efeito, estes últimos são atribuíveis ao Neolítico final-Calcolítico inicial e ao Calcolítico pleno.

Muito recentemente, o autor e Joaquina Soares, ao procederem a prospecções arqueológicas nas margens do Guadiana (Alto Alentejo) identificaram três *hábitats* (Pipas, no concelho de Reguengos de Monsaraz, Quinta da Fidalga e Fábrica de Celulose, no concelho de Mourão) relacionáveis com as fases inicial e média do *megalitismo de Reguengos*<sup>16</sup> e que correspondem também às fases inicial e média do megalitismo do Baixo Alentejo. Trata-se de *hábitats* de curta duração que, tal como os do Neolítico antigo, ocupam zonas abertas, baixas, planas e arenosas, sem condições naturais de defesa.

O espólio de Pipas, o de feição mais antiga, aponta para um Neolítico de tradição antiga, com numerosos macro-utensílios sobre calhaus rolados de técnica afim da chamada «languedocense», a par de micro-utensílios de sílex como a lamela de dorso, o crescente e a flecha transversal. Está presente a cerâmica com decoração impressa a punção.

No *hábitat* da Fábrica de Celulose são abundantes as taças em calote e os esféricos de bordo ligeiramente extrovertido ou com ténue espessamento externo, possuindo, logo abaixo do lábio, um sulco horizontal – exemplares muito semelhantes aos recolhidos na Salema (Santiago do Cacém) bem como no Pontal (fase I do Neolítico da Comporta<sup>17</sup>) e que se encontram muito bem representados na anta 1 do Poço da Gateira<sup>18</sup> (fase média do Megalitismo de Reguengos).

Regressando ao Baixo Alentejo, ao Neolítico final-Calcolítico inicial, ou seja, à fase de apogeu do megalitismo correspondem, provavelmente, os povoados de Vale Pincel II<sup>19</sup>, no Alentejo Litoral (Sines), e o do Cabeço da Mina<sup>20</sup>, mais no interior, na bacia do Sado, entre o Torrão e Alvito. O primeiro, com abundante taça carenada e placas de cerâmica paralelepípedicas com um furo em cada topo («pesos de tear») e sem prato de bordo almendrado (forma que se desenvolve no horizonte seguinte) situa-se nas proximidades da falésia litoral e ocupa, tal como os *hábitats* dos períodos anteriores, extensa zona aberta, plana e arenosa. A pouca distância da jazida de Vale Pincel II, em S. Torpes, há notícia de ter existido uma sepultura megalítica que forneceu placa de xisto gravada<sup>21</sup>. No Cabeço da Mina, com espólio similar ao de Vale Pincel II, assistimos à escolha de local elevado, embora extenso e de encostas relativamente suaves, para a implantação do povoado. O horizonte patente nestes dois povoados encontra-se representado em todo o Sudoeste peninsular em numerosos povoados, alguns deles relacionados directamente com manifestações de carácter megalítico (p. ex.: presença de menires nas áreas habitacionais da Caramejeira e da Pedra Longa), que apresentam os

<sup>15</sup> Cf. MEILLASSOUX, C.: *Mulheres, Celeiros e Capitais*, Ed. Afrontamento, Porto, s/d.

<sup>16</sup> SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C.: Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos, *Al-Madan* (no prelo).

<sup>17</sup> SOARES, J. et al.: *Descobertas Arqueológicas no Sul de Portugal*, Lisboa/Setúbal, 1980.

<sup>18</sup> LEISNER, G. e V.: *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*, Instituto para a Alta Cultura, 1951.

<sup>19</sup> TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J.: Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*, II-III, 1976-77.

<sup>20</sup> TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J.: *Op. cit.*, nota 19.

<sup>21</sup> TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J.: *Pré-história da Área de Sinez*, Lisboa, 1981.

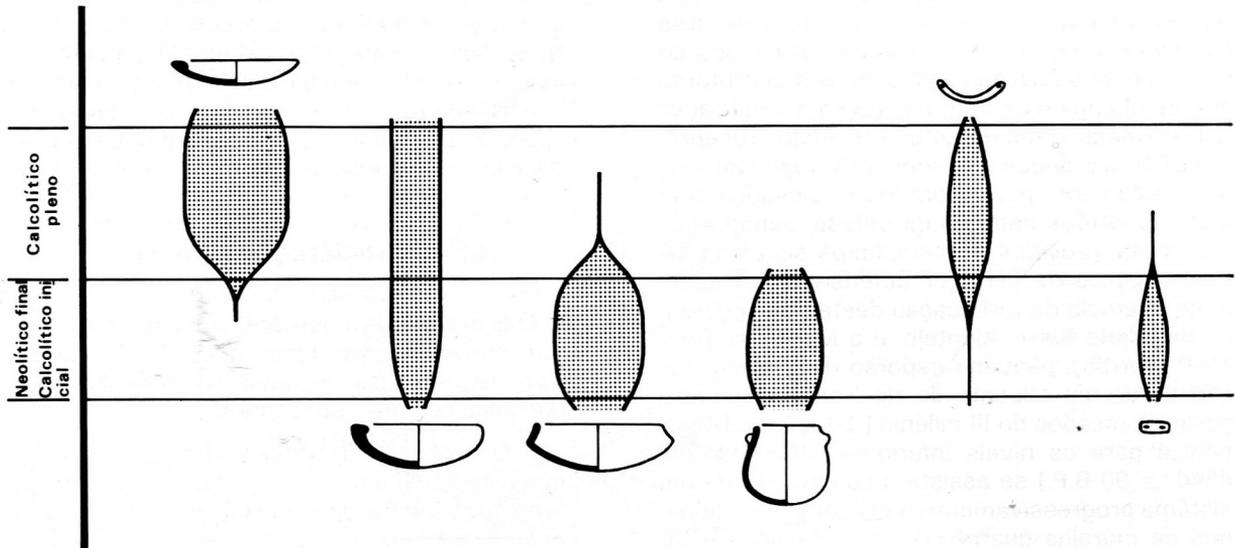


Fig. 4: Esquema evolutivo das formas cerâmicas (recipientes, «pesos de tear» e crescentes) mais características dos povoados do Neolítico final/Calcolítico inicial e do Calcolítico pleno (pré-campaniforme) do Baixo Alentejo.

dois tipos de morfologia a que anteriormente aludimos: Cabeço do Cubo (Campo Maior), Albardeiros (Reguengos de Monsaraz), Pedra Longa (Montemor-o-Novo), Possanco (fase III do Neolítico da Comporta com datação radiocarbónica de CSIC - 653 = 4270 ± 50 B.P.) Caramujeira (Lagoa, Algarve), Papa Uvas (Huelva), com datação radiocarbónica para a sua fase II de 2890 ± 120 B.P.<sup>22</sup>, Campo Real (Carmona), Montefrío (Granada). Em Montefrío este horizonte, rico em taça carenada, surgiu estratificado, precedendo imediatamente o do Calcolítico pleno com prato de bordo almendrado<sup>23</sup>. O estudo da fauna de Papa Uvas<sup>24</sup> veio mostrar que a criação de gado tinha grande peso na economia (a fauna selvagem, somente com 5%); o boi predomina nos níveis mais baixos e vai perdendo importância em favor do porco que se torna dominante nos níveis superiores; o cão acompanha a retracção sofrida pelo boi.

O início da procura de locais de cumeada, com algumas condições naturais de defesa, poderá indicar a necessidade que se fez sentir, em certas zonas agricolamente mais produtivas (Cabeço da Mina, p. ex.), de defender um sobreproduto económico por certo já considerável, o qual teria constituído, por seu turno, uma das condições

fundamentais para a construção dos grandes monumentos megalíticos próprios desta fase. São igualmente tais excedentes que estarão na base da implantação das primeiras formas de metalurgia por terem permitido manter um grupo de artífices especializados —os metalurgistas do cobre—, necessariamente, se destacarão do todo social, fenómeno que se traduzirá por forte clivagem ou divisão social do trabalho.

No Calcolítico, por real ausência de ruptura com o fundo cultural neolítico regional, numerosos monumentos erguidos neste último período continuam a ser utilizados. Tal se verifica, no que concerne ao Alentejo Litoral, como dolmen da Pedra Branca onde ocorrem, no estrato inferior, alguns fragmentos de prato de bordo espessado e onde já são abundantes as pontas de seta de base côncava/recta. Mas é com um processo

<sup>22</sup> MARTIN DE LA CRUZ, J. C. *et al.*: Nueva interpretación sobre los poblados en el estuario del Tinto-Odiel, Huelva. *Huelva Arqueológica*, VII, 1985, pp. 161-206.

<sup>23</sup> ARRIBAS, A. e MOLINA, F.: Nuevas aportaciones al inicio de la metalurgia en la Península Ibérica: el poblado de Los Castillejos de Montefrío (Granada). *The Origins of Metallurgy in Atlantic Europe (Proceedings of the Fifth Atlantic Colloquium)*, Dublin, 1978, pp. 7-32.

<sup>24</sup> MARTIN DE LA CRUZ, J. C. *et al.*: *Op. cit.*, nota 22.

certamente de aculturação que surge novo tipo de monumento megalítico —a sepultura de falsa cúpula ou *tholos*—. Os povoados calcolíticos do Baixo alentejo relacionáveis com os construtores destes últimos monumentos, ou com a utilização dos dolmens pré-existent, só muito recentemente foram dados a conhecer <sup>25</sup>; implantam-se, salvo raras excepções, em locais elevados com boas condições naturais de defesa, sendo, muitas vezes, providos de complexos sistemas arquitectónicos de carácter defensivo. Um excelente exemplo de fortificação deste tipo, localizada em pleno Baixo Alentejo, é o Monte da Tumba <sup>26</sup> (Torrão), pequeno esporão da margem esquerda de um afluente do rio Xarrama, onde a partir de meados do III milénio (datação radiocarbónica para os níveis inferiores: UGRA 172 = 4540 ± 90 B.P.) se assiste à construção de um sistema progressivamente mais complexo de panos de muralha guarnecidos por bastiões e torres circulares. A vida do povoado abrange todo o Calcolítico, desde uma fase inicial (onde ainda são patentes alguns elementos próprios do horizonte do Neolítico final como a taça carenada, o «peso de tear» paralelipédico e a placa de xisto gravada) até ao Calcolítico final com escassa cerâmica campaniforme <sup>27</sup>. Não obstante o extenso lapso de tempo durante o qual o Monte da Tumba foi habitado, o espólio cerâmico não revela, ao longo de uma sequência estratigráfica com cerca de 3 metros de potência, notáveis alterações de carácter qualitativo: elas são sobretudo de ordem quantitativa o que parece indicar a presença da mesma comunidade durante toda a ocupação calcolítica. Esta comunidade integrava-se em grupo ou fácies cultural que se distingue do da Estremadura portuguesa e do de Los Millares; embora pertencente ao grande complexo cultural que durante o Calcolítico se manifestou em todo o Sul da Península, oferece características próprias, como, por exemplo, a grande abundância de taça de bordo almendrado e a escassez de cerâmica decorada; temos vindo a designá-lo por «Grupo Calcolítico do Sudoeste».

No Alentejo Litoral este grupo está representado em Monte Novo, em zona elevada da encosta Sul do maciço eruptivo dos Chãos de Sines, a poucas centenas de metros de Vale Pincel II. Aí, os níveis de *habitat* estão em relação com um recinto megalítico de planta ovalada formado por grandes blocos oblongos de gabro-diorito, alguns deles claramente afeixoados.

No Sul do Baixo Alentejo, no concelho de Ourique, a curta distância da *tholos* do Barranco da Nora Velha, existe o Cortadouro <sup>28</sup>, pequeno povoado calcolítico amuralhado, assente sobre um esporão da margem esquerda do rio Mira, talvez ocupado por comunidade especializada na prospecção e metalurgia do cobre.

### Considerações finais

O breve balanço que acabámos de traçar contém numerosas hipóteses que pressupõem outras tantas linhas de pesquisa. Salientamos as que julgamos mais relevantes:

– O problema da origem das manifestações megalíticas. Quanto a nós, essa origem, como parece sugerir a possível relação entre o *habitat* da Salema e a sepultura proto-megalítica do Marco Branco, pode ser procurada em grupos do Neolítico antigo evolucionado que, por condições ecológicas particulares, enveredaram por uma via decisivamente agro-pastoril. A construção das primeiras sepulturas megalíticas estaria ao serviço da necessidade de fortalecer a unidade familiar e os laços de parentesco (indispensáveis à exploração organizada da terra), valorizando a imagem do antepassado, o qual seria materializado de forma perene pelo próprio monumento; a construção deste, realizada através de um esforço colectivo de entre-ajuda, reforçaria os laços intra e inter-grupos.

– O problema do polimorfismo da arquitectura megalítica. Tal polimorfismo é, para nós, o reflexo, por um lado, dos diferentes estádios evolutivos do fenómeno megalítico em cada região e, por outro, da especificidade regional de cada processo evolutivo ocorrido em função de factores histórico-culturais e ecológicos. Torna-se, assim, indispensável estudar as manifestações megalíticas no quadro de pequenas e bem delimitadas unidades geográficas.

<sup>25</sup> TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J.: *Op. cit.*, nota 19.

<sup>26</sup> TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J.: Monte da Tumba (Torrão): Eine Befestigte Siedlung der Kupferzeit in Baixo Alentejo (Portugal). *Madrider Mitteilungen* (no prelo).

<sup>27</sup> A cerâmica campaniforme surgiu somente na última campanha (1985), encontrando-se ainda inédita.

<sup>28</sup> TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J.: *Op. cit.*, nota 19.

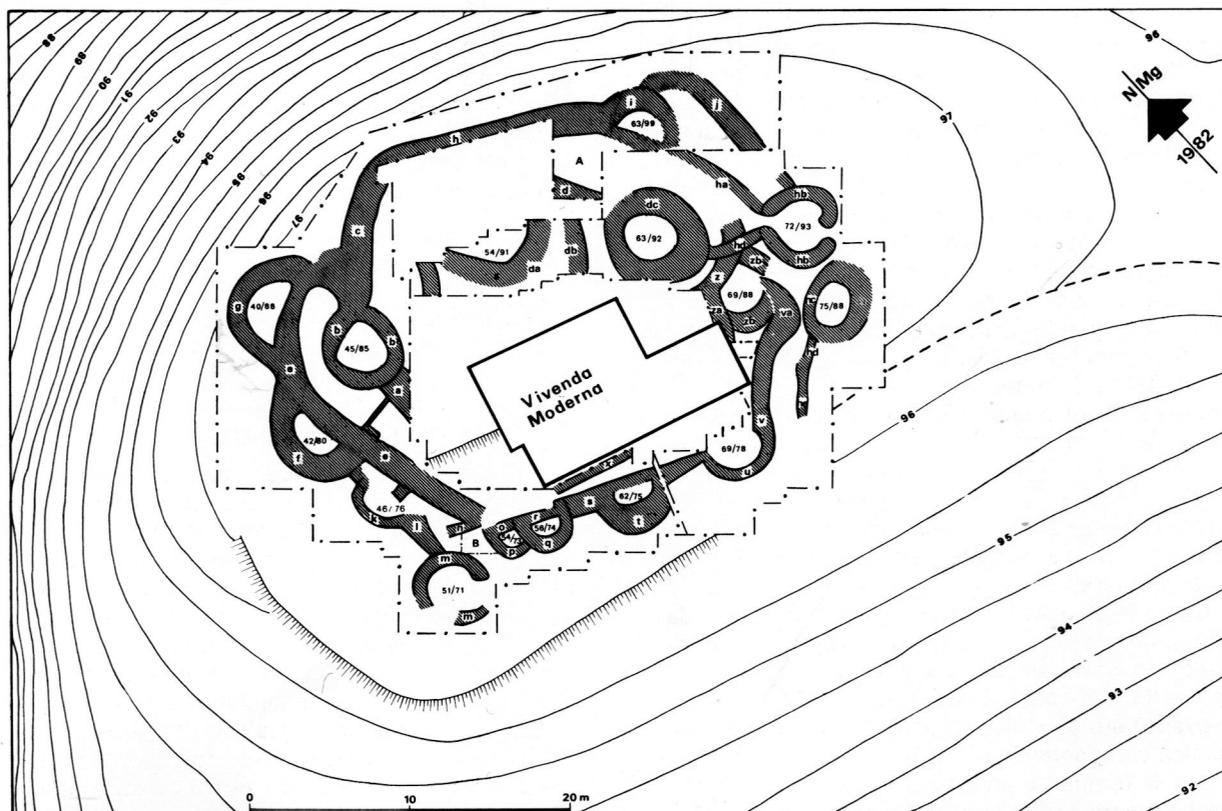


Fig. 5: Planta esquemática do povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba (Torrão).

– O problema da relação povoado-necrópole que se prende com a necessidade de apreender a *sociedade megalítica* como um todo em que o sepulcro é somente um dos seus múltiplos aspectos. Pensamos que os *hábitats* das fases inicial e média do megalitismo do Baixo Alentejo serão, como os do Alto Alentejo (região de Reguengos), muito pouco estáveis, com ocupações de curta duração, correspondendo a uma agricultura ainda marcadamente itinerante e à prática intensa da pastorícia. Com o desenvolvimento da agricultura, os povoados tendem para maior estabilidade, embora continuem, no Neolítico final, aquando do apogeu do megalitismo, a revelar ocupações pouco prolongadas e escassas preocupações de carácter defensivo, situação ajustável a economia agro-pastoril, onde a criação de gado bovino ocuparia lugar de grande relevo (atenda-se à composição faunística de Papa Uvas)<sup>29</sup> e aos bucrânios gravados no santuário exterior do Escoural<sup>30</sup>. Só no Calcolítico pleno

(fase final do megalitismo) se assiste a efectiva sedentarização, em resultado do grande desenvolvimento alcançado pela agricultura; o gado bovino é progressivamente substituído pelo suíno<sup>31</sup>; os povoados são agora quase sempre de cumeada e, por vezes, providos de complexos sistemas arquitectónicos de carácter defensivo. Nesta fase, são construídas sepulturas de falsa cúpula enquanto muitos dolmens da fase anterior continuam a ser utilizados.

Setúbal, 1985

<sup>29</sup> MARTIN DE LA CRUZ, J. C. *et al.*: *Op. cit.*, nota 22.

<sup>30</sup> VARELA GOMES, M.; VARELA GOMES, R. e FARINHA DOS SANTOS, M.: O Santuário exterior do Escoural. Sector NE (Montemor-o-Novo, Évora). *Zephyrus*, XXXVI, 1983, pp. 287-307.

<sup>31</sup> O estudo, ainda inédito, da fauna do Monte da Tumba (Torrão), da autoria de M. Telles Antunes, mostra um claro predomínio do porco sobre o boi. Também nos níveis superiores de Papa Uvas (Huelva) o boi acaba por ser ultrapassado pelo porco.

